

## **EXPERIÊNCIAS E MASCULINIDADES NO VOLEIBOL DO SUDESTE DO BRASIL**

**Dayvid C.S OLIVEIRA<sup>1</sup>; Ulisses .M.F VILELA<sup>2</sup>; Mariana Z MARTINS<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

A ideia de masculinidade hegemônica advém das expectativas de papéis sociais dominantes aos homens em relação às mulheres. O objetivo deste trabalho foi analisar e interpretar as experiências de jovens relacionadas à prática do voleibol. O corpus da pesquisa foi construído a partir de um questionário aberto, respondido por 37 jovens, que inquiria sobre as experiências e expectativas com relação ao voleibol, bem como ao treinamento da modalidade, questões como o preconceito, perfil ideal de atleta. Com base nos resultados pudemos notar que o voleibol é um instrumento de socialização dos atletas. Estes atletas se envolvem com o voleibol desde cedo, sofrem preconceito, mas as suas maiores dificuldades se relacionam à falta de tempo para treinar.

**Palavras-chave:** esporte escolar, masculinidades, voleibol, preconceito.

### **1. INTRODUÇÃO**

A ideia de masculinidade hegemônica advém das expectativas de papéis sociais dominantes aos homens em relação às mulheres. Segundo Connel e Messerschmidt (2013), tal noção não se confirma estaticamente, uma vez que, apenas uma minoria de homens se enquadra nela. Contudo, isso não anula o poder normativo da noção, que se impõe como um hegemônico balizador de comportamentos e dispositivo ideológico, promovendo a subordinação daqueles que não se enquadram. Sob este prisma, quando pensamos essa ideia no campo esportivo, vislumbramos que tais práticas também constituem identidades de gênero, ou seja, generificam-se, ao produzirem e ordenarem relações entre os gêneros (GOELLNER, 2007). Neste caso, aos homens, destina-se, historicamente, práticas consideradas mais viris, como o futebol, as lutas; às mulheres, aquelas relacionadas à suavidade, como as ginásticas e o voleibol (ALTMANN; SOUZA, 1999). O objetivo deste trabalho foi analisar as experiências jovens do gênero masculino relacionadas à prática do voleibol, a fim de compreender os marcadores de gênero que perpassavam a mesma.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho email: [dayvidef777@gmail.com](mailto:dayvidef777@gmail.com) <sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho email: [ulissesmori@gmail.com](mailto:ulissesmori@gmail.com) <sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho email: [fale.com.marief@gmail.com](mailto:fale.com.marief@gmail.com)

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Para obtermos os dados da coleta, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, a fim de buscar compreender as concepções daqueles jovens. O corpus da pesquisa foi construído a partir de um questionário aberto, que inquiria sobre as experiências e expectativas com relação ao voleibol, bem como ao treinamento da modalidade, questões como o preconceito, perfil ideal de atleta e sobre a construção de identidades. A coleta da amostra da pesquisa foi feita nos JIF (Jogos dos Institutos Federais do Sudeste do Brasil), na cidade de Machado-MG, representada por 4 regiões do país, sendo elas os Estados de São Paulo (SP), Espírito Santo (ES), Rio de Janeiro (RJ) e Minas Gerais (MG). Foram 37 atletas com idade acima de 18 anos, do gênero masculino, todos estudantes dos *campus* situados nas regiões citadas acima. Para análise de dados, organizamos as respostas em categorias e através da localização regional de cada campus, a fim de analisar se os locais e objetivos de cada treinamento tinham influencia nas respostas dos atletas e nas suas maculindades em questão, dividindo por tanto em 4 grupos regionais

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de organizarmos as respostas, criamos algumas categorias como: perfil do atleta; dificuldades com o treinamento e preconceitos.

3.1 Perfil de atleta: Com relação ao perfil dos atletas, os mesmos destacam mais características psicológicas ligadas à personalidade do atleta, sendo a responsabilidade uma das que mais aparece. Isso nos leva a crer que o voleibol necessita desse perfil de jogador para que os treinos, o jogo e os demais fatores relacionados ao voleibol, de modo que a interação entre eles aconteça da melhor forma possível. Também foi citado a característica física "altura", pelos atletas de MG, que como visto pelos estudos de Bojikan (2003) é de extrema importancia para que os atletas se sobressaiam nos fundamentos do jogo, como o ataque e o bloqueio. Além, também mencionaram que gostam de ser como os jogadores que já são profissionais e que já tem uma visão no cenário esportivo brasileiro, aos quais se espelham para um dia serem parecidos.

Quadro 1. Auto reconhecimento do perfil dos atletas participantes dos JIFs

Localidade	Características do perfil auto identificadas
São Paulo	Ético, Comprometido, Educado, Honesto e que saiba trabalhar em grupo.
Espírito Santo	Que tenha valores morais, atleta humilde, dedicado e responsável
Rio de Janeiro	Maduro, Que saiba separar amizade de jogo, Tranquilo e Responsável.
Minas Gerais	Jogador alto, jogador líder, que trabalhe bem e grupo, observador e disciplinado, honesto, respeitoso, se espelhar em jogadores profissionais citando o BRUNINHO levantador da seleção

	brasileira de voleibol. jogador humilde, responsável, de caráter e de personalidade, que tenha postura dentro de quadra.
--	--

3.2 Dificuldades na dedicação ao treinamento: pudemos analisar que o maior problema que esses atletas enfrentam é a conciliação dos treinos com os estudos. Mesmo que os atletas do Rio de Janeiro e do Espírito Santo afirmem que não encontram dificuldades, ainda relatam que é difícil a conciliação dos treinos com os estudos. Este fator é acentuado para estes alunos uma vez que recebem bolsa atleta de suas instituições, que acaba os obrigando a participar de todas as atividades esportivas referentes às modalidades que praticam com a possibilidade de perder suas vagas e suas bolsas se isso não for cumprido. Podemos ver então que esses dois estados são diferentes de Minas Gerais e São Paulo, uma vez que buscam o esporte de alto rendimento dentro da escola e não o esporte participação ou lazer.

Quadro 2. Dificuldades relatadas

Localidade	Dificuldades relatadas
São Paulo	Falta de estutura, falta de apoio dos pais, conciliação com os estudos.
Espírito Santo	Nenhuma, Porém enfrentam problemas pra estudar já que os treinos são muito intensos mesmo sendo fora do período escolar e os alunos recebem bolsa atleta.
Rio de Janeiro	Nenhuma, os treinos são fora do horário de aula e muito intensos, além de que esses alunos recebem o benefício bolsa atleta.
Minas Gerais	Conciliar estudos com os treinos porem sabem administrar o tempo, conciliar treinos com o horário de TRABALHO, momento de relaxamento e diversão, lesões, Bullying.

3.3 Preconceitos sofridos pela prática do voleibol: Com a análise aos preconceitos, podemos verificar que em todos os estados os atletas acabam sofrendo certo tipo de preconceito por jogar voleibol, o que os faz assumir tipos de masculinidades para que possam se manifestar da forma que querem para fugir desse preconceito. Ainda que Lacerda et al (2002) mostrem que a prática do voleibol com grupos de alunos heterogêneos, onde existam varias orientações sexuais, contribua para o convívio harmonioso e diminuição de preconceitos para com os homossexuais, em razão da prática do esporte voleibol favorecer elementos de socialização, troca de conhecimento, possibilidades de convivência e ser capaz de aproximar os indivíduos, o preconceito existe. Uma fala interessante também vem de MG, quando um dos atletas discorre sobre o assunto citando a seguinte frase quando questionado sobre o preconceito: "Nunca, eu que pratico o preconceito". Esta fala pode indicar que esse atleta tenha assumido essa forma de pensar e agir por ter que se defender das ofensas sofridas no passado, o que pode ter ficado marcado em sua memória, assumindo assim essa posição para se proteger do Bullying.

Quadro 3. Preconceito sofrido

Localidade	
São Paulo	Relação do voleibol com a Homossexualidade,
Espírito Santo	Fala" Infelizmente, já fui tachado como homossexual por jogar vôlei. Não me incomodo, mas fico triste por como isso é tratado de maneira pejorativa"
Rio de Janeiro	Sim, Zoações Internas entre os companheiros de equipe, Masculinidade qestionada pelos outros alunos e Não sofrem , mas ouvem falar que "Voleibol é esporte de Gay"
Minas Gerais	Pela estatura, por ser esporte considerado de homossexual. Fala: " Já me insultaram dizendo que é um esporte de homossexual". Por Gênero, por não saber jogar direito: Fala" Fui chamado de "VIADO" por jogar voleibol". "Nunca, eu que pratico o preconceito". ' Não diria preconceitos mas sempre haviam piadas em relação á sexualidade dos atletas".

#### 4. CONCLUSÕES

Com base nos resultados pudemos notar que o voleibol é um instrumento de socialização dos atletas. Os atletas se envolvem com o voleibol desde cedo, sofrem preconceito, mas as suas maiores dificuldades se relacionam à falta de tempo e de estrutura pra treinar., seja em SP, MG, RG ou ES. A questão das masculinidades se impõem para que os atletas se insiram no meio da maneira que eles são, sem ter medo do preconceito, que como visto na pesquisa ainda é uma realidade no cenário esportivo.

#### 5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFSULDEMINAS, por possibilitar a construção dessa pesquisa.

#### 6. REFERÊNCIAS

- BOJIKIAN, J. C. M. *Ensinando voleibol*. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2003.
- CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1), Janeiro-Abril/2013.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO. G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.
- LACERDA, M., PEREIRA, C., & CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15 (1), 165-178, 2002.
- ROSSETTO JUNIOR, A. J. et al. *Jogos educativos: estrutura e organização da prática*. São Paulo: Phorte, 2005.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.